

ENSINO DE HISTÓRIA: OS IMPASSES E OS DESAFIOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS NA PROBLEMATIZAÇÃO DO IMPEACHMENT DA PRESIDENTA DILMA ROUSSEFF EM SALA DE AULA¹

Francisca Márcia Costa de Souza

Mestre em História do Brasil – Universidade Federal do Piauí (UFPI)
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA), marciacostax@gmail.com

Resumo

Esta comunicação tem a pretensão de evidenciar preocupações e caminhos teóricos e metodológicos percorridos pelo Ensino de História até o momento, na problematização do *Impeachment 2016*, no âmbito da vida escolar, para acadêmicos do Ensino Médio. Nesse sentido, é preciso estabelecer as correlações com outros movimentos da História do Brasil e da América Latina, reforçar o papel do profissional docente como agente social e educacional de transformação do seu tempo, mobilizando o interesse e o debate acerca das condições econômicas, sociais e políticas que atravessam a construção do conhecimento histórico em sala de aula. Não está excluído deste cenário o protagonismo dos acadêmicos que se inserem nesta dinâmica por meio das redes sociais especialmente, não significando que outras forças e discursos atuem sobre eles. Por fim, o desafio do Ensino de História é que tal fenômeno que ora analisamos ainda não se completou nas dimensões do tempo e do espaço.

Palavras-Chave: Ensino de História. Impasses e desafios. Impeachment 2016.

Introdução

Esta comunicação tem a pretensão de evidenciar preocupações políticas e caminhos teóricos e metodológicos percorridos pelo Ensino de História na problematização do *impeachment da Presidenta Dilma Rousseff*², no âmbito da vida escolar, para acadêmicos do Ensino Médio. Nesta reflexão, enveredamos pelo entendimento que se trata de um Golpe Parlamentar e Jurídico que está ainda em curso. Contudo, não significa que tal fenômeno trabalhado nesta perspectiva silencie os demais discursos que enveredam em caminhos opostos, acreditamos que as polêmicas e as disputas narrativas sobre o *Impeachment 2016* animam e pluralizam a construção do entendimento em sala de aula. Assim, esta discussão valoriza o ambiente democrático e a pluralidade de idéias, favorecendo a liberdade de expressão, o diálogo baseado em argumentos consolidados à luz da honestidade

¹ Esta reflexão se originou da necessidade própria do nosso tempo de problematizar à luz da História o Golpe Parlamentar e Jurídico 2016 no Brasil. Além disso, é um esforço de compreensão do fazer histórico em sala de aula, especialmente com acadêmicos do Ensino Médio que possuem dimensão e fluxo temporais animados pelo instantâneo. Assim, como analisar em tempo real (fluxo acontecimental) o momento político que estamos vivendo, sabendo que as informações jorram por todos os lados, em especial por se tratar de um acontecimento que está ainda em curso, portanto, fresco, sem forma e sem o distanciamento temporal necessário para que o entendimento possa se assentar e ser realizado com autonomia e isenção? Como contrabalançar os interesses e as paixões que atravessam o Ensino e a Escrita do referido fato histórico? De que maneira os acadêmicos se inserem e constroem o entendimento acerca do Impeachment 2016? Pelo visto, as questões são muitas e o que oxigena essa reflexão são os desafios de construir caminhos teóricos e metodológicos sobre tal fenômeno.

² Na história da República Brasileira, Dilma Rousseff é a primeira mulher assumir à Presidência da República. Dilma lutou contra a Ditadura Civil-militar em 1964. Além disso, foi Ministra de Minas e Energia e Ministra Chefe da Casa Civil no Governo de Luís Inácio Lula da Silva. Eleita em 2010 com 56, 05% dos votos. Reeleita em 2014 em um pleito muito concorrido. Em ambas as eleições, Ela concorreu com candidatos do PSDB, o que, aliás, foram derrotados nas últimas quatro eleições presidenciais.

intelectual e no interesse da maioria. Até porque a polarização de idéias esvazia esta questão, não contribui com a construção de entendimento, mesmo que precário, fragmentário e lacunar, acerca do momento político, econômico e social que estamos vivendo. Esta reflexão é, portanto, um esforço para compreender à luz das questões e preocupações atinentes à vida escolar manifestadas por jovens, entre 15 e 18 anos, que frequentaram uma escola do Ensino Médio no Estado do Maranhão.

Nesse sentido, é necessário estabelecer no tempo e no espaço as forças que possibilitaram a mudança abrupta que a Democracia brasileira vem sofrendo, evidenciando tal fenômeno no contexto das democracias da América Latina. Além disso, é preciso estabelecer as correlações com outros movimentos na história do Brasil, como Golpe de 1964 e os desdobramentos do processo de Redemocratização Autoritária. Ainda, relacionar às condições externas de crise econômica e o realinhamento das forças geopolíticas em termos do ultraimperialismo.

Por outro lado, é interessante reforçar o papel do profissional docente como agente social e educacional de transformação do seu tempo, mobilizando o interesse e o debate acerca das condições econômicas, sociais e políticas que atravessam a construção do conhecimento histórico em sala de aula. Não está excluído deste cenário o protagonismo dos acadêmicos que se inserem nesta dinâmica por meio das redes sociais especialmente, não significando que outras forças e discursos atuem sobre ele. Contudo, em se tratando do fluxo e da intensidade que a informações chegam até esse público, cumpre destacar o uso alargado das redes sociais na elaboração e nas disputas de narrativas acerca do *Impeachment 2016*.

Nesse sentido, os desdobramentos do impeachment são sentidos à medida que se consolida o golpe. No âmbito da educação, por exemplo, o mais recente reflexo é a Reforma do Ensino Médio³ e a Escola Sem Partido⁴, ambas são profundamente criticadas pela sociedade. Assim, no momento em que este texto é produzido, o tempo da história ainda não se realizou. Ao contrário dos outros acontecimentos problematizados em sala de aula, tanto no nível nacional quanto em termos da história geral, tínhamos a tranquilidade (ou não!) de olhar de longe o passado do ponto de vista do realizado. Embora, discordamos que o passado seja o objeto de estudo e interesse da história, ele é vivo à medida que o animamos com as questões e olhares do nosso tempo. Por fim, os impasses e

³ Está no Congresso Nacional a Medida Provisória 746/2016, que propõe mudanças no ensino médio. O texto, que flexibiliza o currículo escolar, institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Disponível em < <http://www12.senado.leg.br/noticias/audios/2016/09/reforma-do-ensino-medio-chega-ao-congresso>> Acesso em 30-09-2016.

⁴ Inclui entre as diretrizes e bases da educação nacional, de que trata a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, o "Programa Escola sem Partido". Projeto de Lei no Senado nº 193 de 2016, de autoria do Senador Magno Malta. Disponível em < <https://www12.senado.leg.br/cidadania/visualizacaomateria?id=125666>> Acesso em 30-09-2016.

os desafios do Ensino de História são que o fenômeno que ora analisamos ainda não se completou nas dimensões do tempo e do espaço.

Desenvolvimento

As últimas quatro eleições presidenciais no Brasil foram vencidas por candidatos do Partido dos Trabalhadores (PT)⁵. Em 2014, Dilma Rousseff protagoniza junto ao Aécio Neves uma corrida presidencial muito acirrada, o clima era de rivalidade, euforia e descontentamento. O Brasil estava polarizado, o clima era de inconciliação, animado por ataques de ambos os lados, a democracia parecia dar seus primeiros sinais de esgotamento. É preciso dizer que as manifestações populares em 2013 no Brasil e no mundo (Primavera Árabe) pareciam indicar profundo inconformismo e amadurecimento político. Nesse clima de insatisfação, Dilma Rousseff se reelege com mais 54 milhões de votos.

A vitória não trouxe à recém-eleita tranquilidade institucional, jurídica e midiática. O ambiente era hostil, inseguro e conspiratório. O “candidato derrotado”, expressão bem conhecida pelos brasileiros, dita pela Presidenta eleita, na ocasião em que foi defender-se das acusações que a levaram ao impeachment, mostrou-se profundamente insatisfeito com o resultado das urnas. Depois disso, o Brasil praticamente parou. As disputas agora se davam em horário nobre. A mídia nativa e monopolizada despejava diariamente altas dosagens de índices, gráficos, projeções sempre negativas, a crise parecia intransponível, o clima era insuportável. Além disso, na Câmara eram votadas as pautas-bomba: estatuto da família, estatuto nascituro, estatuto do desarmamento, redução da maioria penal. De modo que, as medidas urgentes e inadiáveis eram prontamente silenciadas e adiadas. É bom que se diga que não havia garantia se acolhidas, pudessem resolver o problema econômico e político que estamos vivendo. Por outro lado, pudemos problematizar esses pontos diariamente escancarados nos noticiários.

A Presidenta parecia cada vez mais isolada. O impeachment também pode ser explicado à luz da misoginia. Quem não lembra os adesivos na entrada de combustível dos carros? Na realidade, a imagem da Presidenta Dilma Rousseff era inconciliável com a República masculina, machista, burguesa-aristocrática e patriarcal. Ora a Presidenta era a mulher sem marido, o que fazia dela uma senhora incompleta e infeliz, ora era a mulher-macho, pois somente as características masculinas a autorizava exercer tão grande poder, a fama de durona persistiu durante algum tempo, ora era a mulher-histórica, como a capa da revista IstoÉ – *As explosões nervosas da presidenta*, associa o nervosismo à condição inata e biológica da mulher. A instabilidade emocional a impediria

⁵ É oportuno frisar que o maior líder deste partido é o ex-Presidente Lula, muito cotado para ganhar as eleições de 2018, se realmente este ano chegar, disputou e perdeu o pleito eleitoral em 1989, 1994 e 1998.

de conduzir o Brasil. De forma que essas construções foram debatidas na escola, na ocasião do dia da Mulher – 8 de Março deste ano, onde foram oportunamente problematizados os desafios da mulher frente à educação e à política, pilares de sua emancipação. Não era momento para celebrar, mas para reunir forças teóricas e mobilizar a juventude para tal compromisso.

Assim, diante deste quadro político, o papel do professor se agudizou, fora chamado a fazer frente ao que acontecia. Ocorre que a dinâmica e fluidez desses acontecimentos impossibilitavam uma narrativa mais segura ou um posicionamento mais prático. Creio que os docentes se viram diante de um grande desafio. Os jovens por meio das redes sociais se informavam, restando ao professor depurar o que eles compreendiam. Por outro lado, havia inesgotável matéria-prima para ser trabalhada em sala de aula. O primeiro passo era mobilizar os acadêmicos para as questões do nosso tempo, problematizar especialmente as informações que circularam nas redes sociais e no horário nobre de televisão.

Os dados, as estatísticas, os gráficos, os discursos e as inúmeras imagens construídas acerca do Brasil, do governo do PT, da democracia brasileira, da política e dos políticos, da Presidenta eleita Dilma Rousseff, das questões de gênero, do empoderamento feminino, do nosso futuro, convidava-nos a reinventar a política, a função da escola e do ensino da história. Nesse ambiente incerto, caótico e desordenado foi possível pensar o aluno deforme, sem forma mesmo, que pretensão é essa de dar uma forma ao discente? Ele se constitui à medida que encara os desafios, que problematiza o mundo a sua volta, que cria possibilidade de atuação política.

Nesse caminho, nem tudo são flores. Enfrentamos muitas resistências por parte dos discentes, mergulhados que estavam em suas convicções, fechados no senso comum e em preconceitos, notadamente religiosos. O ódio e o pessimismo foram entraves a ser considerados, especialmente devido aos casos alardeados de corrupção dos políticos. Contudo, no decorrer do trabalho realizado em sala de aula e nas inúmeras possibilidades que a tecnologia nos oferece, os discentes passaram a trazer as suas próprias pautas, preocupando-se com a forma como as informações são trabalhadas, atentando para o lugar social dos editores e as intenções dos discursos. Um trabalho árduo, feito cotidianamente, baseado na análise, na comparação, na crítica.

A história e a memória a serviço da crise do Brasil, que levou à ruptura democrática, o que não deixa de ser um trauma, haja vista, em pouco tempo, passarmos por dois processos de impeachment. A comparação entre esses dois momentos históricos também rendeu aos alunos discussões e construção de subjetividades, o debate democrático e a orientação do professor favoreceram o alargamento da consciência histórica. Para tanto, foi necessária pesquisa de novos

quadros teóricos e metodológicos, incentivando a criatividade, especialmente o uso da Arte na confecção de cartazes e de fanzine, numa clara e intencional tentativa de criar um ambiente de produção, expressão e divulgação de idéias e posicionamento político, o que não deve ser confundido com filiação partidária a qualquer partido. Na realidade, a pretensão é possibilitar múltiplos espaços de discussão política e participação cidadã, incentivando, inclusive, as organizações políticas estudantis e o fortalecimento do grêmio nas escolas.

Resultados

Castells (1999) fez uma síntese da crise da democracia. A democracia é dominada por partidos a serviço de si mesmos, as eleições são controladas por dinheiro e pelos meios de comunicação, a corrupção envolve todos os partidos e políticos. A elite não deseja participação política e a democracia é uma aventura indesejada, como constatada no Brasil. A democracia se resume ao voto mediatizado a cada pleito. A nova democracia na idade de informação nasce a partir da crise do modelo institucional da democracia representativa e da falência dos partidos como mecanismo de intervenção política dos representados. Este momento é marcado pelas rupturas de acordos, eles estão envelhecidos. A disputa política se insere numa espécie de barbárie fundada no fundamentalismo religioso, na agressão mútua, na xenofobia, no ódio, no medo e no apartheid social, no interior do capitalismo, mas na perspectiva da decadência da democracia.

Os resultados desta reflexão ainda são imprecisos, o trabalho ainda continua. A cada dia nasce um novo desafio teórico e metodológico. Os jovens em sua dinamicidade acabaram por transitar em outros espaços, o que favorece o entendimento ou não do momento político que vivemos. Creiamos que o ponta-pé tenha sido iniciado. A mudança de postura acadêmica também já pode ser considerada um ponto de crescimento nesta jornada. Nesse sentido, os acadêmicos estão mais conscientes de seus papéis na transformação social. O interesse pela história do nosso país também foi alargado, bem como a prática de construir itinerários alternativos profissionais e acadêmicos.

Contudo, o interessante é que eles conseguiram colocar sob suspeição os discursos e atentar sobre as intenções dos mais diversos lugares de produção de subjetividade. O otimismo político não foi ainda alcançado, todavia, alteraram-se a postura diante da política. O ódio deu lugar à tolerância e ao diálogo. Embora, ainda, seja necessário criar condições em que a Arte, o riso e o humor estejam a serviço da participação política. Acreditamos que a postura sobre a política e os políticos tenha-se alterando ligeiramente.

Conclusão

Ao procurar escrever sobre essa experiência, buscamos junto com outros profissionais da educação, alargar as estratégias educacionais face ao mundo que se descortina pós-golpe. Não podemos ficar de braços fechados, o momento é de mobilização intelectual e cidadã. O conhecimento histórico, dessa maneira, se pauta na mudança social e na luta de classes, pensando a sociedade como palco de disputas, atritos e dissenso.

Não propomos a história ou ensino de história que interessa ao capitalismo, à dominação, às classes dominantes. Assim, precisamos sair da conciliação que impede o embate e o diálogo, entramos no antagonismo político e estamos no meio de dois projetos de Brasil. No momento em que encerro esta reflexão, este trabalho não foi finalizado. O projeto de pensar o Brasil continua.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *História. A arte de inventar o passado*. São Paulo: Edusc, 2007.

ARENDRT, Hannah. *Origens do Totalitarismo. Anti-semitismo. Imperialismo. Totalitarismo*. Tradução Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BETHEL, Leslie (org.). *História da América Latina. Da Independência a 1870*. V. III. Tradução Maria Clara Cescato. São Paulo: Edusp. Imprensa Oficial do Estado; Brasília: Fundação Alexandre de Gusmã, 2001.

BITTENCOURT, Circe (org.). *O Saber histórico em sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2008.

BRUIT, Héctor H. *Revoluções na América Latina*. São Paulo: Atual, 1988.

CARTA EDUCAÇÃO. O Professor e a notícia. Disponível em <<http://www.cartaeducacao.com.br/reportagens/o-professor-e-a-noticia/>> Acesso em 30-09-2016.

CARTA CAPITAL. *A cruzada de Dallagnol. O golpe, da farsa à demência*. Ano XXII, nº 519, set., 919.

CARTA CAPITAL. *Diretas Já*. Ano XXII, nº 519, set., 918.

CARVALHO, José Murilo (org.). *A construção nacional 1830-1889*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2012.

_____. *A formação das almas. O imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. *A galáxia da Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica. Cartografia do desejo*. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MONTEIRO, Ana Maria... et al (org.). *Pesquisa em Ensino de História. Entre desafios epistemológicos e apostas políticas*. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2014.

MOTA, Carlos Guilherme (org.). *Viagem completa. A experiência Brasileira*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2013.

SARDOC, Mitja; SAHIGHNESSY, F. Michael. Justiça, inclusão e democracia: entrevista com Iris Marion Young. In: *Filosofia, Educação e Política*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003, p. 139-154.

SCHWARSCZ, Lilia Moritz (org.). *História do Brasil nação: 1808-2010*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2011.

VILLALTA, Luiz Carlos. *1789-1808. O império luso-brasileiro e os Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

WASSERMAN, Claudia. *História da América Latina: Cinco Séculos*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.